

O ENSINO DA ORALIDADE NA BNCC: Análise Documental e Bibliográfica sob a Perspectiva Histórico-Cultural

Cássia Göttems Daruy - Unijuí ¹

Janaíne Limberger - Unijuí ²

Fabiana Diniz Kurtz - Unijuí ³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as tensões existentes entre o ensino da oralidade na língua inglesa prescrito pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as condições reais de implementação na rede pública de ensino. Adota-se como referencial teórico a abordagem histórico-cultural de Vygotsky, que compreende a aprendizagem como um processo socialmente mediado, no qual a interação e a intermediação docente desempenham papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Essa perspectiva possibilita refletir sobre como as orientações curriculares se articulam — ou se distanciam — das práticas concretas, considerando o contexto cultural e estrutural das escolas públicas. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, de natureza bibliográfica e documental. Foram examinados a BNCC (2018) e leituras de publicações acadêmicas disponíveis em periódicos indexados na Plataforma CAPES, abrangendo o período de 2020 a 2025, escolhidas a partir dos descritores “oralidade” e “inglês”. Foram excluídas produções que não tratassem do contexto da rede pública ou que não estivessem disponíveis integralmente para consulta. A análise, fundamentada nos pressupostos da Análise Textual Discursiva (Moraes; Gialazzi, 2020), revelou que, embora a BNCC proponha o desenvolvimento de competências linguísticas e interculturais por meio de situações significativas de uso da língua, as pesquisas indicam barreiras recorrentes para a efetivação dessa proposta, como carga horária insuficiente, turmas numerosas, recursos didáticos limitados e lacunas na formação docente. Conclui-se que a distância entre a prescrição curricular e a prática escolar reflete a necessidade de políticas educacionais que garantam condições materiais e pedagógicas compatíveis com a abordagem comunicativa, de modo a potencializar o ensino-aprendizagem de língua inglesa na rede pública.

Palavras-chave: BNCC, Ensino de Língua Inglesa, Abordagem Comunicativa, Rede Pública, Abordagem Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Educação nas Ciências, taxista CAPES, Unijuí, cassia.daruy@sou.unijui.edu.br;

² Mestranda em Educação nas Ciências, taxista CAPES, Unijuí, janaíne.limberger@sou.unijui.edu.br;

³ Professora Drª Orientadora, Unijuí, fabiana.k@unijui.edu.br;

A crença de que o ensino de língua inglesa (LI) em escolas públicas não desenvolve plenamente a comunicação oral do sujeito comunicativo advém de um histórico legislativo e pedagógico instável. Instituída no Brasil em 1809 (Bocca, 2009), a primeira cadeira de ensino de Inglês teve propósitos essencialmente comerciais, voltados à formação de uma elite capaz de manter relações diplomáticas e econômicas com a Inglaterra. Ao longo dos séculos, as políticas públicas educacionais oscilaram entre a valorização e o descaso pela aprendizagem de línguas estrangeiras (Bregalda; Sturm, 2020), o que contribuiu para a construção de um cenário de descrença quanto à efetividade do ensino de LI na escola pública.

No contexto contemporâneo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) redefine o papel da língua inglesa no currículo, orientando o ensino para o desenvolvimento de competências comunicativas e interculturais que ultrapassem a mera memorização de estruturas linguísticas. O documento enfatiza a oralidade como eixo essencial na constituição do sujeito comunicativo, reconhecendo o uso da língua como prática social e instrumento de interação. Contudo, essa proposta enfrenta desafios estruturais e pedagógicos significativos, especialmente quando confrontada com as condições concretas das escolas públicas brasileiras, nas quais predominam turmas numerosas, escassez de recursos didáticos e fragilidades na formação docente, conforme verificado nos artigos analisados neste estudo.

Sob a luz da abordagem histórico-cultural de Vygotsky (1991; 2001), a aprendizagem é compreendida como um processo essencialmente social e mediado, no qual o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da interação com o outro e da apropriação da cultura. Nessa perspectiva, a oralidade assume papel central como forma de mediação simbólica e constituição do pensamento. Assim, o ensino da língua inglesa, quando orientado por essa abordagem, deve promover situações de uso real e significativo da linguagem, em que o estudante participe ativamente da construção de sentidos, apoiado pela mediação intencional do professor.

Considerando esse panorama, torna-se pertinente analisar as tensões entre o que é prescrito pela BNCC e o que é efetivamente praticado nas escolas públicas, especialmente no tocante ao ensino da oralidade. Essa análise permite refletir não apenas sobre a coerência entre as orientações curriculares e as práticas pedagógicas, mas também sobre as condições socioculturais que permeiam o processo de ensino-aprendizagem de línguas no país. É nesse entrelaçamento entre política educacional, prática docente e fundamentos teóricos que se insere o presente estudo, cujo objetivo é examinar, à luz da abordagem histórico-cultural, as

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, voltada à análise das concepções e práticas relacionadas ao ensino da oralidade em língua inglesa, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e as discussões acadêmicas contemporâneas sobre o tema. Conforme Minayo (2014), a abordagem qualitativa possibilita compreender fenômenos educacionais em sua complexidade, priorizando a interpretação e o sentido atribuído pelos sujeitos e pelos discursos.

A etapa documental consistiu na análise da BNCC (Brasil, 2018), com foco no componente curricular de Língua Inglesa no Ensino Fundamental – Anos Finais. Buscou-se identificar as competências, habilidades e orientações pedagógicas relativas ao desenvolvimento da oralidade, especialmente aquelas que enfatizam o uso comunicativo da língua e a interação como práticas sociais.

Paralelamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em periódicos indexados na Plataforma CAPES, abrangendo o período de 2020 a 2025, com base nos descritores “oralidade” e “inglês”. Foram incluídos apenas estudos que abordassem o ensino da língua inglesa na rede pública de ensino, excluindo-se produções que tratassesem de contextos privados ou que não estivessem disponíveis integralmente para consulta. Essa etapa teve como objetivo mapear o estado atual das discussões e identificar as principais tensões e desafios apontados pela literatura.

A análise dos dados foi conduzida à luz dos pressupostos da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2020), que se estrutura em três movimentos: unitarização, categorização e comunicação. O processo iniciou-se com a decomposição dos textos em unidades de sentido, seguida da construção de categorias emergentes que revelaram convergências e contradições entre o discurso prescrito pela BNCC e as condições reais de implementação nas escolas públicas.

O referencial teórico da abordagem histórico-cultural de Vygotsky (1991; 2001) orientou a interpretação dos dados, possibilitando compreender a oralidade não apenas como habilidade linguística, mas como prática social mediada, fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim, a metodologia adotada visou articular os dados documentais e bibliográficos a uma leitura crítica sobre as práticas de ensino da oralidade,

considerando o contexto histórico, social e educacional que permeia a rede pública de ensino no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos textos selecionados revela que o ensino da oralidade em língua inglesa tem sido abordado sob múltiplas perspectivas, refletindo um movimento crescente de valorização da comunicação como eixo central do ensino de línguas. Esse movimento está em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que propõe o desenvolvimento de competências comunicativas, críticas e interculturais por meio do uso significativo da língua em situações autênticas de interação. No entanto, os estudos também evidenciam uma distância entre o ideal normativo da BNCC e as condições reais de ensino, especialmente no contexto das escolas públicas brasileiras.

Os resultados indicam que, embora haja esforços docentes no sentido de promover o desenvolvimento da oralidade, persistem desafios estruturais e conceituais. Entre eles, destacam-se a escassez de tempo e de recursos didáticos, o tamanho das turmas e as limitações na formação continuada de professores, fatores que dificultam a implementação de práticas comunicativas efetivas. Conforme aponta Vygotsky (1991), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da mediação e da interação social; portanto, quando o ambiente escolar restringe essas possibilidades, compromete-se a aprendizagem significativa da língua.

Grande parte das pesquisas analisadas recorre a metodologias ativas e recursos tecnológicos — como o uso de vídeos, aplicativos (por exemplo, Voki for Education e WhatsApp), e obras literárias — com o intuito de tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e interativo. Tais iniciativas evidenciam uma tentativa de ressignificar o papel do aluno como sujeito ativo na produção de sentidos, aproximando-se do princípio vygotskyano da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), em que a mediação pedagógica possibilita avanços cognitivos e linguísticos que não ocorreriam de forma isolada. Nessa perspectiva, o uso das tecnologias digitais pode ser compreendido como um instrumento de mediação simbólica, capaz de ampliar os espaços de interação e favorecer o desenvolvimento da oralidade.

Outro ponto recorrente nas produções analisadas refere-se à importância da prosódia para a inteligibilidade na comunicação oral e à necessidade de uma abordagem voltada à Inglês como Língua Franca (ILF). Essa perspectiva rompe com o paradigma do falante nativo e propõe uma visão mais inclusiva e contextualizada da língua, o que se alinha à proposta da

BNCC de promover o respeito à diversidade linguística e cultural. Ao deslocar o foco do “erro” para a compreensão mútua e a negociação de sentidos, o ILF contribui para reduzir a ansiedade e fortalecer a autonomia do aprendiz, aspectos diretamente relacionados à formação de sujeitos críticos e reflexivos.

As investigações também destacam os aspectos afetivos e as crenças que permeiam o ensino e a aprendizagem da oralidade. O medo de errar, a insegurança diante da exposição e as representações sociais sobre o domínio da língua inglesa interferem diretamente na produção oral, tanto de alunos quanto de professores. Sob a ótica histórico-cultural, esses elementos não são meramente individuais, mas construções sociais internalizadas que influenciam o modo como os sujeitos interagem com o conhecimento. Assim, a intermediação docente assume papel fundamental não apenas na instrução linguística, mas também no acolhimento emocional e na criação de um ambiente dialógico que favoreça a expressão e a construção conjunta de significados.

Por fim, observa-se que, apesar do avanço teórico e metodológico nas pesquisas recentes, ainda persiste uma fragmentação entre o discurso pedagógico e a prática cotidiana. Muitos estudos apontam que o ensino da oralidade continua subordinado à escrita e à gramática normativa, o que contraria os princípios da BNCC e da abordagem comunicativa. Tal contradição evidencia o que Vygotsky (2001) descreve como a tensão entre o plano ideal e o plano real da atividade humana — uma dialética que, no campo educacional, manifesta-se entre o currículo prescrito e o vivido.

Dessa forma, os resultados sugerem que o fortalecimento do ensino da oralidade em língua inglesa na escola pública requer políticas de formação docente contínua, melhoria das condições estruturais e valorização da interação como prática sociocultural. A articulação entre a BNCC e a abordagem histórico-cultural oferece um caminho fecundo para repensar o ensino de línguas de modo a promover o desenvolvimento integral dos estudantes, reconhecendo a oralidade não apenas como habilidade linguística, mas como forma de mediação cultural e instrumento de humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidenciou que, embora a BNCC (2018) proponha um ensino de língua inglesa voltado ao uso significativo da linguagem, à interação e à formação intercultural, a concretização desses princípios na escola pública ainda enfrenta obstáculos estruturais, pedagógicos e formativos. As pesquisas examinadas mostram que a oralidade

continua sendo uma habilidade marginalizada no currículo, frequentemente subordinada à escrita e à gramática, o que limita o potencial comunicativo e crítico dos estudantes.

Ao mesmo tempo, o conjunto de estudos analisados aponta caminhos promissores para a superação dessas barreiras, especialmente por meio do uso criativo de tecnologias digitais, de metodologias ativas e da valorização da oralidade como prática social. Tais experiências, quando articuladas à mediação docente intencional, demonstram consonância com os princípios da abordagem histórico-cultural de Vygotsky, segundo a qual o conhecimento é construído na interação e mediado por instrumentos simbólicos e culturais. Nessa perspectiva, a fala não é apenas manifestação linguística, mas um meio de desenvolvimento do pensamento, de construção de sentidos e de humanização.

Os resultados também permitem concluir que a distância entre o currículo prescrito e o vivido reflete não apenas limitações materiais, mas uma questão de concepção pedagógica: a necessidade de compreender a oralidade como eixo estruturante do ensino de línguas, e não como um complemento eventual. Essa mudança requer formação docente continuada, que integre teoria e prática e promova a reflexão crítica sobre as condições reais de ensino, possibilitando que o professor atue como mediador consciente do processo de aprendizagem.

Diante disso, reafirma-se que a efetivação dos objetivos da BNCC depende da criação de políticas educacionais comprometidas com a equidade e a valorização da escola pública, assegurando condições concretas para que a comunicação oral seja trabalhada de forma significativa e contextualizada. Somente assim será possível concretizar o ideal de uma educação linguística emancipadora, capaz de formar sujeitos ativos, críticos e participantes nas múltiplas esferas discursivas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALBINI, A. A oralidade na era do Inglês como Língua Franca: percepções de professores de inglês em formação. **Diálogos Pertinentes**, v. 14, n. 2, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26843/dp.v14i2.3208>
- ANDRADE NETA, N. F.; MARTINS, S. T. DE A. ENTRE O FALAR E O NÃO FALAR EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: AS EMOÇÕES DE PROFESSORAS/ES EM FORMAÇÃO / To speak or not to speak in a foreign language: emotions of teachers in training. **Pensares em Revista**, n. 23, p. 72–94, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/pr.2021.60551>
- ANIECEVSKI, M.; PASSONI, T. P. O Novo Ensino Médio e a Língua Inglesa: uma análise sobre o ensino de oralidade em um material didático sob a perspectiva do inglês como língua franca. **LínguaTec**, v. 6, n. 2, p. 30–49, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/linguatec.v6.n2.5355>





BARBOSA I. V., SCHROEDER E., POTTMEIER, S. "The Wizard of Oz": práticas sociais de leitura e de oralidade em inglês na voz de estudantes do ensino fundamental. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1838-1859, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i3.15134>

BATISTA, P. C.; CORADIM, J. N. O trabalho com a oralidade nas aulas de inglês em tempos de pandemia. **LínguaTec**, v. 6, n. 2, p. 179–192, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/linguatec.v6.n2.5509>

CAMPOS, D. D. S. REFLEXÃO E ENSINO DO EIXO ORALIDADE EM LÍNGUA INGLESA. **Semana Acadêmica Revista Científica**. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/reflexao-e-ensino-do-eixo-oralidade-em-lingua-inglesa>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

DOS SANTOS, D. M.; DA COSTA, M. C. F.; DOS SANTOS, D. M. UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 41, p. 787–801, 7 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i41.6483>

LEITE- ARAUJO, M.; RECIO - PINEDA, S. Dos estudos em fonética ao ensino da língua oral uma perspectiva multidimensional. **Revista da ABRALIN**, p. 1–9, 31 dez. 2022. Disponível em: [10.25189/rabralin.v21i2.2139](https://doi.org/10.25189/rabralin.v21i2.2139)

LORENSET, C. C. *et al.* Conversation Club: Espaço para Prática da Oralidade em Inglês e Troca de Experiências. **LínguaTec**, v. 6, n. 2, p. 153–158, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/linguatec.v6.n2.5316>

LYRIO, A.; SUÁREZ ABREU, A. MARCADORES PRAGMÁTICOS, COMUNICAÇÃO E ENSINO. **PERCURSOS Linguísticos**, v. 10, n. 26, p. 72–94, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/pl.v10i26.32725>

MARTINS, S. F. Oralidade em língua inglesa na escola pública. **Olhares & Trilhas**, v. 24, n. 1, p. 1–17, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OT2022v24.n.1.64185>

MASSUCATTO, D.; BARROS, L. G. O ensino de língua inglesa por meio das tecnologias digitais como complemento das aulas presenciais do ensino fundamental. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, p. e093220, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31417/educitec.v6.932>

MIQUELANTE M.; CRISTÓVÃO, V. L.; PONTARA, C. L. Formação de professores(as) de inglês: oralidade na educação linguística crítica. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 26, n. 1, p. 276–302, 14 set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2022.v26.38107>

MORAES, G. S. DE *et al.* Student experience with remote teaching during the SARS-COV-2 pandemic in a university center. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 6, p. e11464, 20 jul. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v6.e11464>

NASCIMENTO, J. N. DO; AMORIM, L. M. Os diálogos ficcionais em uma realidade distópica: a (não)representação de marcas de oralidade nas traduções dos bestsellers young adult A Seleção e Divergente. **Tradterm**, v. 46, p. 72–101, 24 fev. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v46p87-116>



NUNES, M. B.; LUDOVICO, F. M.; BARCELLOS, P. S. C. C. Ferramentas digitais para a prática da produção oral em língua inglesa em contexto de ensino remoto emergencial.

Revista X, v. 19, n. 3, p. 921–921, 9 ago. 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.5380/rvx.v19i3.94532>

REZENDE, D. B. B. *et al.* Uma análise dos desafios do ensino/aprendizagem da oralidade do Inglês para finalidades de formação do técnico em Eventos no Instituto Federal do Tocantins. Educitec - **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 6, p. e121720–e121720, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31417/educitec.v6ied.especial.1217>

SILVA JR, L. J.; BARBOSA, P. B. EFEITOS DA PROSÓDIA DE L2 NO ENSINO DE PRONÚNCIA E NA COMUNICAÇÃO ORAL. **Prosódia de L2**, v. 16, n. 1, p. 126–141, 11 out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n1.58725>

SILVA, M. *et al.* Projeto Speaking English – Desenvolvendo a Oralidade da Língua Inglesa. **Diversitas Journal**, v. 7, n. 4, p. 3208–3218, 1 jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.48017/dj.v7i4.2260>

TRINDADE, K. R.; MOREIRA, K. G. O uso de tecnologias no processo de desenvolvimento da oralidade em Inglês: ações e reflexões a partir do app Voki for Education. **LínguaTec**, v. 8, n. 1, p. 19–30, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/linguatec.v8.n1.6610>

OLIVEIRA, F. M. DE; DIAS, R. TECNOLOGIAS DIGITAIS, LETRAMENTOS E MULTIMODALIDADE: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DA ORALIDADE EM INGLÊS NO ENSINO SUPERIOR. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), v. 68, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e17292>